

Conte-nos
a sua história

Um simples retrato moçambicano

Por Sidónio Elias Cuambe

O trabalho que hoje publicamos, enviado por um colaborador, insere-se naturalmente nesta rubrica. Podendo parecer um caso isolado, diz contudo bastante sobre as dificuldades, a segregação, os vexamos, a repressão, a que o moçambicano tinha que sujeitar-se durante a ocupação colonial-capitalista, para tentar realizar uma mínima e legítima ambição. Diz também das conseqüentes vacilações e desânimos a que as circunstâncias o conduziam e, em contraste, da imperecível esperança na libertação que se guardava intimamente para a concretização de anseios desde longe acalentados.

Tudo deixou as suas marcas mais ou menos profundas. Mas o fundamental fica na certeza de que a coragem no percurso pelas estradas não foi inútil e de que agora se vê em frente um sol que as nuvens não podem esconder; e onde condições adversas e cansaços acumulados, não devem gerar frustração.

História esta que principalmente dirigimos à reflexão dos jovens.

Chegou uma nova professora, oriunda de um país socialista, chamada Maria M., para trabalhar na Universidade Eduardo Mondlane. Na primeira travessia pelo corredor da Faculdade de Letras, viu um moçambicano, pelo menos de meia idade, com uma pasta cheia de papéis e um rosto marcado de vestígios da vida.

Chama-se Jessuane wa Spanhein e na primeira vez que o viu, ele já tinha 45 anos. Apesar disso, era

estudante-trabalhador do primeiro ano.

Quando Maria M. chegou, Jessuane ainda tinha cabelos e barba pretos. Agora, um ano e meio mais tarde, são quase todos cinzentos e a sua saúde parece bastante abalada. Solicitou-lhe um encontro para conversar sobre a vida dele.

AQUELA VONTADE DE ESTUDAR E SABER

M.M. — O Jessuane está a estu-

dar com 47 anos de idade, no terceiro ano de Bacharelato em Letras Modernas. Todos os outros da sua turma são muito mais jovens. Então, a sua situação é bastante diferente da deles...

J.S. — É fácil explicar. Já quando era um menino, admirava muito todas as pessoas que sabiam mais que eu e intimamente desejava chegar a ser como eles. Sempre senti uma grande vontade de



O privilégio da minoria no acesso ao ensino passava pela frequência de escolas privadas que, logo após a Independência foram nacionalizadas

estudar, aprender, saber cada vez mais.

M.M. — Significa que veio duma família assimilada que já naqueles tempos era capaz de dar aos seus filhos um certo nível de educação?

J.S. — Não. A nossa família não foi de assimilados. A nossa origem camponesa constituiu desde a primeira hora, um obstáculo «natural» para a ascensão social da família.

M.M. — Quer dizer que cresceu como um dos inúmeros analfabetos deixados na sua condição primária pelo «sistema de educação» colonial?

J.S. — Isso também não é verdade. O meu pai ensinou-me até completar a terceira classe. E penso que foi ele que despertou em mim a ânsia de estudar cada vez mais.

M.M. — O seu pai foi professor?

J.S. — Ele nunca frequentou qualquer Instituto de Formação de Professores. Todas as coisas que sabia e ensinava aos alunos aprendera ele próprio como adulto, depois de voltar das minas do Rand onde fora «Machine Boy» — trabalhou lá durante mais ou menos quinze anos sem regressar. Depois,

como professor, não estava em qualquer serviço oficial. Quando em 1974, a FRELIMO atingiu a nossa aldeia e ao fazer a reestruturação do ensino no país, meu pai recebeu pela primeira vez um reconhecimento salarial, depois de mais de quarenta anos de trabalho como professor de ensino doméstico sem salário regular.

DEIXAR A TERRA NATAL

M.M. — De que modo continuou os seus estudos depois de acabar a terceira classe sob a orientação de seu pai?

J.S. — Meu pai mandou-me fazer a quarta classe no Maputo, então Lourenço Marques. Prometera-me prosseguir com os estudos na Escola Secundária Sá da Bandeira se tudo me corresse bem. Vinha juntar-me a meu irmão mais velho que viera a Maputo quatro anos antes e vivia com meu tio já falecido que era irmão mais novo do meu pai. Assim, o meu pai, a minha mãe, as madrastas e todos os outros irmãos mais novos ficaram lá na machamba em Canda.

M.M. — Onde é Canda?

J.S. — É longe de Maputo. A sul da Província de Inhambane, dista

uns 318 quilómetros daqui. Custou-me deixá-la, vindo ao Maputo. Mas, por outro lado, naquela altura era a única possibilidade de estudar mais.

M.M. — Essa escola de Lourenço Marques de que tipo era?

J.S. — Uma escola missionária. Não havia outras para africanos no estatuto de indígenas. E, naturalmente, foi necessário ser baptizado na religião católica antes da entrada, embora o tivesse sido de bebé na American Methodist Church de que a maioria era membro. Desta forma, eles queriam assegurar a sua influência no pequeno número de moçambicanos que de certa maneira quebrara o privilégio de educação reservado aos brancos. Mas por causa da falta de qualquer outra possibilidade, resignei-me perante a necessidade.

M.M. — Pode dar uma impressão da atmosfera nessa escola?

J.S. — Os professores foram todos europeus. No princípio notei que me desdenhavam, mas o seu desdém não apanhou apoio porque sempre passei. Só no último

Nas principais cidades da colónia, a Igreja era proprietária da maioria dos colégios particulares onde os filhos da burguesia podiam estudar



ano, por motivos de doença, tive de ir a exame em duas cadeiras no ano seguinte.

TEMPOS LIVRES E NECESSIDADE DE ESCREVER

M.M. — Como passava os tempos livres naqueles anos?

J.S. — Tempos livres... Penso que não houve porque sempre estava ocupado nos estudos, sempre tinha medo de não conseguir resultados positivos e, em conse-

quência disso, ser obrigado a sair da escola. Só às vezes, quando muito sofria da solidão com saudades da família, na altura em que a minha mesada era paga numa casa de pasto chinesa na Baixa a algumas centenas de metros do Chamanculo, tentei dar expressão aos meus sentimentos e preocupações por escrito. Sabia perfeitamente da situação política da África e do mundo... desconfiança de menino!...

M.M. — Quer dizer que escreveu literariamente?

muita obsessão nos tempos seguintes.

M.M. — Porquê?

J.S. — Suponho que já a publicação desta história foi bem registada pelas estruturas coloniais. Nove anos mais tarde resenti a suspeita quando repliquei a um artigo de um periódico cujo título não me lembro de momento...

M.M. — Que artigo?

J.S. — Um artigo que falava sobre algo parecido com «racismo negro», de uma raça inferior que aspirava libertar-se precocemente... O ex-Congo Belga provava de sobejo a imaturidade com os seus abomináveis assassinios, etc... Tentei salientar os erros mais vis do artigo que quase não considerava os homens pretos como seres humanos!

REPRESSÃO E PERSISTÊNCIA

M.M. — Sofreu então consequências?

J.S. — Sim, é verdade. Naquela altura, a minha vida se tinha estabelecido, relativamente. Desde 1955 trabalhava como funcionário da Veterinária. Em 1957 tinha recebido uma proposta de matrícula para o «Matriculation Exemption» na University of South Africa em Witwatersrand, por correspondência. Senti-me muito feliz! Tentei fazer tais estudos. Do meu serviço não ganhava bastante salário — claro, apenas um quarto do que recebiam os meus «colegas» brancos dos bancos da escola — mas pudemos existir com isso.

M.M. — Pudemos, quem?

J.S. — Eu, a minha mulher com que me casei em 1959, mais os nossos dois filhos. Esperávamos mais ou menos uma vida normal... Mas aquele artigo provocou toda a desordem, a da nossa vida e a da nossa casa. Os agentes da PIDE fizeram algumas buscas na residência, roubaram todos os papéis e deixaram a nossa casa numa situação indiscreta. Moveram-me um processo como pessoa que pretendia derrubar o governo de Salazar...

M.M. — Quer dizer mais sobre isso?

J.S. — Sim. De 1961 até 1963, após quinze dias de detenção na



O condicionamento da frequência do ensino mais adiantado baseava-se necessariamente na capacidade financeira da classe dominante

J.S. — Pode ser, se isso se classifica dessa maneira. Para mim, por causa da falta de comunicação e de amigos verdadeiros, foi uma forma de falar comigo mesmo. Fiz pequenas líricas e histórias... Mas tudo isso perdeu-se. Também escondia as coisas porque sabia que os responsáveis não gostavam.

M.M. — Assim, só escreveu para si próprio?

J.S. — Na maior parte, sim. Na verdade, só houve duas coisas com certa importância. A primeira foi um conto sobre o lobolo que escrevi em 1954 e enviei ao «Brado Africano». Foi publicado lá e depois mais uma vez no então «Notícias»... Lembro-me que me senti tão orgulhoso quando li o meu nome no jornal em cima de um conto publicado! Mas, por outro lado, isso com certeza foi o início de

Raros eram os colégios onde, além das aulas normais, não se davam «explicações», a modalidade mais refinada na exploração comercial do ensino, que também pessoas mais ou menos habilidosas e (ou) habilitadas facultavam nas suas residências



Nos últimos anos do colonialismo, a abertura das escolas a moçambicanos relacionava-se com a integração de um extracto social no processo da assimilação cultural; a filiação na Mocidade Portuguesa destinava-se a projectar o falso conceito de fidelidade dos povos submetidos à unidade nacional colonial-fascista.

cela em Vilanculos, estive sob prisão domiciliária. Recebia 50 por cento dos meus vencimentos nos trinta dias seguintes à instauração do processo. Além da acusação como elemento subversivo, pendia a de que era alcoólico! Eu que só em festas de família é que bebo alguma coisa até hoje!

M.M. — E no seu serviço, também sofreu consequências?

J.S. — Claro. Em Março de 1963 fui obrigado a abandonar definitivamente o serviço da Veterinária porque já perdera concursos de promoção por causa do processo. Também vi-me obrigado a desistir dos estudos por correspondência. Tinha então três filhos.

OUTRAS CONSEQUÊNCIAS

M.M. — Como continuou a sua vida?

J.S. — Depois estive desempre-

gado. Nenhuma empresa privada aceitava a minha candidatura. De Julho de 1964 até 1966, fui empregado tarefeiro na Câmara Municipal. Saí por demissão, após ter sofrido uma intervenção cirúrgica, com baixa de oito dias. Só em 1972 é que consegui trabalhar como agente eventual nos registos de concessão de cidadania a nativos (analfabetos ou não), durante seis meses. Ganhava aí um terço do que ganhava aos 21 anos; na Câmara ganhava metade do que ganhava naquela mesma altura.

M.M. — Arrependeu-se da carta que deu todos esses resultados?

J.S. — Uma pergunta difícil! Por um lado, o nível de vida da minha família baixou muito naqueles anos e, às vezes, é verdade, senti pena dessa acção. E a partir de então decidi jamais voltar a escrever. Por outro lado, pensava que tudo o que escrevera naquela répli-

ca estava certo e as minhas próprias experiências de vida mo afirmavam, nomeadamente todos os esforços para a receber qualquer formação superior que falharam.

M.M. — Houve algo mais do que mencionou?

J.S. — Já em 1954, quando acabei a nona classe, pretendi continuar os estudos na «Rhodes University College», em Salisbúria. Escrevi uma carta para lá e recebi uma resposta negativa nestes termos: «This College is reserved only for Rhodesians (assinado) The Lecturer».

M.M. — Porque tentou para a Rodésia?

J.S. — Então não havia ainda nenhuma Universidade em Moçambique. Não havia também curso médio no ramo da escola secundária em que tinha estudado. Sabia que nos países vizinhos, se podia fazer a décima e a décima primeira

classes na própria Universidade e fazer rapidamente a «Exemption» tendo em atenção a idade a média na escola secundária. Por outro lado, esta era a única para continuar os estudos, aos estudantes que não tivessem conseguido uma bolsa para Lisboa.

M.M. — Desistiu então?

J.S. — Voltei a tentar, um ano mais tarde. Fiz outra carta para a «University of Natal», de onde tive uma resposta igual à da Rodésia.

M.M. — E sobre voltar a escrever?

J.S. — Tinha decidido de uma vez.

M.M. — Custou-lhe essa decisão?

J.S. — Não sei, mas penso que sim... Há alguns autores moçambicanos, agora bem conhecidos, que começaram a escrever exactamente naquela altura... Mas eu... Bem, numa conversa fortuita com o Doutor Richter, um investigador de Bona, disse-lhe do meu desejo de abandonar o país para estudar mais. O Senhor olhou-me sem uma palavra... E agora... agora é muito tarde...

AS ACTUAIS PREOCUPAÇÕES

M.M. — Acho que nos seus próprios estudos universitários, sobre literatura geral e literaturas africanas, podia ter uma base. E mes-

mo toda a sua vida podia justificar novas tentativas literárias...

J.S. — É verdade. Mas há um obstáculo bastante simples: falta-me tempo.

M.M. — O que é que faz além dos estudos na Universidade?

J.S. — Sou professor numa escola secundária. Estou ensinando Língua Portuguesa. Estou muito ocupado. Tenho que ensinar 23.00 horas semanais, sempre de tarde até à noite. E de manhã tenho que estudar na Universidade. As vezes sinto-me tão cansado! Mas acho que deve ser assim. É necessário e gosto deste trabalho, apesar de ser muito exaustivo. Por vezes tenho medo de não acabar os estudos que agora sigo, como naqueles tempos em que fui obrigado a interromper os estudos por falta de saúde...

M.M. — Quando foi isso?

J.S. — Quando fiquei desempregado em 1964, comecei a estudar como aluno extraordinário nocturno para ser perito-contabilista. Mas daí para diante, faltou-me sempre a saúde. Por fim, em 1973, abandonei o Instituto quando já só precisava de um ano para ter o diploma. Houve então uma pequena dose de sorte na miséria: consegui entrar para equipa de contabilistas do chamado Laboratório de Engenharia e depois trabalhei ao mesmo tempo também como técnico documentalista. Mais tarde,

quando a FRELIMO tomou o poder, recobrei a esperança de estabilizar a triste situação da nossa vida. Mas a má sorte continuou: em 1976 a minha mulher morreu numa cesariana com a sua décima grávida. Não gosto de falar mais disso. Depois tive a possibilidade de ingressar na Faculdade de Letras, passando pelo Curso Propedéutico. Necessitava de reabilitação a este nível, tanto me desactualizara na bagagem de conhecimentos.

M.M. — E agora? Como vai continuar?

J.S. — Só me sinto preocupado com o receio de não bastarem os meus esforços para acabar regularmente os estudos do Bacharelato para ser professor de Português e Inglês. Já não sou jovem! As vezes, quando estou na biblioteca, sinto um certo desespero perante a multidão de livros que não posso ler, da sabedoria escondida que nunca vou chegar a saber... As cefaleias inquietam-me cada vez mais... Por um lado, sinto-me angustiado pensando que posso falhar mais uma vez, uma última vez... Mas por outro lado, estou cheio de esperança... Não sei... não sei... Se todas as possibilidades que tenho actualmente, fossem há vinte anos, a minha vida teria sido completamente diferente.

A FACE OCULTA

Quando se despediram, Maria M. ainda não sabia que os nove filhos que a mulher deixou ao morrer, tinham idades compreendidas entre os cinco e os vinte e um anos. Não sabia que os cinco mais novos, quatro filhas e um filho, ficaram com a sua irmã e a sua mãe que vivem na terra natal, na Província de Inhambane. Ainda não sabia que só uma vez por ano, nas férias do ano lectivo, ele pode ir visitá-los. Não sabia que os outros, duas filhas de quinze e dezasseis e dois filhos de dezasseis e vinte e um anos, estão a viver com o pai aqui em Maputo e ele tem que preocupar-se com todas as suas coisas. Maria M. espera que em Jessuane venha a despertar novamente a vontade de escrever e está certa de que ele terminará os seus estudos.



Em zonas das periferias urbanas, as crianças contrariavam o estatuto da discriminação que ultimamente o próprio governo colonial procurava camuflar